



PROFISSÃO PEDAGOGO: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Flaviani Nardes Moreira¹
Sílvia Regina Marques Jardim²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da pesquisa monográfica que buscou compreender, a partir da ótica da categoria gênero, a profissão pedagogo. Pretendemos abordar os desafios e as perspectivas de estudantes homens que cursam Pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Campus de Vitória da Conquista.

Um dos referenciais que impulsionou a pensar o tema foi Silva (2011) que desenvolveu uma pesquisa sobre a presença masculina na Educação Infantil, apontando que o espaço da educação infantil foi marcado pela presença das mulheres, espaço conquistado através de movimentos das mulheres que tinham como objetivos a justiça, a igualdade e o reconhecimento social de mulheres trabalhadoras.

Sayão (2005) mostra que na educação infantil, as mulheres ocupam um total de 94% como docentes, sendo apenas 6% homens atuantes nas redes públicas. Silva (2011) traz a informação de uma pesquisa inglesa que revela que os docentes homens da educação infantil sentem certa resistência e a não aceitação por parte das famílias, sendo que alguns já sofreram ameaças e agressões e, devido a esses fatos, muitos se ausentam das salas de aulas da educação infantil.

Sobre essas diferenças de gênero no âmbito das profissões, Silva (2011) cita a pesquisadora Ávila ao reforçar que:

[...] as desigualdades entre gêneros masculinos e femininos são marcadas e reproduzidas no ambiente da educação infantil, principalmente na construção da profissão docente, pois a figura feminina (...) condiciona a forma de atuação profissional, revelando um conteúdo ideológico, o mito

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Campus de Vitória da Conquista – BA. Endereço eletrônico: flavia_nardes@hotmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista UNESP, Campus de Araraquara. Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Correio Eletrônico: silvia.jardim@hotmail.com



da mãe-professora, que é capaz de amar incondicionalmente as crianças como se fossem seus filhos e filhas. Quanto mais ligada essa ideia de professora-mãe, mais difícil é a aceitação de homens e mais associada a características femininas a ocupação, o que explicaria essa visão de maternagem e essa resistência das famílias à presença dos homens como docentes da educação infantil (ÁVILA, 2003 *apud* SILVA, 2011, p.108 e 109).

Partindo desse pressuposto, e como estudante do curso de Pedagogia, senti a necessidade de estudar sobre o que tem motivado os homens em Vitória da Conquista a buscar no curso de Pedagogia uma profissão. O propósito foi conhecer os desafios dos discentes homens do curso no município de Vitória da Conquista; como vem sendo entendida a questão de gênero na profissão e investigar os motivos pelos quais optaram por uma profissão considerada pela sociedade como “profissão de mulher”. Portanto, pretende-se, fazer um estudo sobre como jovens do sexo masculino se sentem em um curso comumente associado às mulheres e tentar descrever seus posicionamentos diante de supostos preconceitos enfrentados diante escolha de ser professor da educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma postura qualitativa e utilizamos como recurso metodológico, entrevistas semiestruturadas, compostas por 21 perguntas relacionadas ao tema com discentes do curso de pedagogia da UESB.

De acordo com Gil, a entrevista é uma técnica de pesquisa que visa obter informações de interesse a uma investigação com objetivo definido e apresenta vantagens como:

- a) possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado;
- b) oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista;
- c) possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas (GIL, 1999, p. 118).

Optamos, por questões éticas, não identificar os nomes dos entrevistados no intuito



e utilizamos, neste texto, letras e idades para distinguir cada resposta. Seleccionamos 07 alunos matriculados em diferentes semestres que aceitaram colaborar com a pesquisa. Houve um cuidado em se escolher também os diferentes turnos, pois segundo Ribeiro e Vianna (2006), existem significativas diferenças tanto no perfil social quanto escolar dos estudantes de Pedagogia, sendo que os do turno matutino expõem uma série de vantagens sociais e acadêmicas. Dos discentes entrevistados, temos: 01 aluno do segundo semestre, 01 aluno do quinto semestre, 2 alunos do sétimo semestre e 03 alunos do oitavo semestre. Do total, 01 estuda apenas no turno matutino, 03 estudam apenas no noturno e os outros 03 discentes frequentam os dois turnos.

Examinando a idade dos discentes, notamos que apenas um está na idade que poderíamos chamar de “regular” para estar matriculado no nível superior, ou seja, possui 21 anos. Três discentes possuem entre 25 e 30 anos e os demais possuem entre 34 e 39 anos. Nota-se que os homens que optam pelo curso de Pedagogia apresentam uma idade maior em relação às mulheres, confirmando Nogueira (2007) que aborda que uma das marcas dos discentes de Pedagogia do sexo masculino é o ingresso tardio no curso. Isso pode ser explicado devido à realidade socioeconômica desses sujeitos, pois a maioria vem de uma classe baixa e busca oportunidades de um melhor emprego. Observamos também que 03 alunos estudam à noite por causa de trabalho. Sobre a escolha do curso superior, quatro dos entrevistados disseram ter pensado em fazer curso superior e a pedagogia surgiu como opção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Swain (2001), nossa sociedade adota uma importante função como formadora de opiniões e procuramos agir de acordo com princípios estabelecidos e seguimos regras sociais e isso se dá, na maioria das vezes, para sermos aceitos na sociedade com aprovação. Esses padrões ficam manifestos principalmente nas relações de gênero em que homem e mulher devem adotar os padrões impostos pela cultura da sociedade para não serem julgados e até mesmo excluídos. Os diversos processos de educação formal e informal vão moldando o indivíduo a serem “meninos” e “meninas” e isso acontece, muito precocemente, poderíamos dizer, desde o ventre da mãe, com as expectativas geradas pela família quando se espera um menino ou uma menina. Destacamos, aqui, alguns depoimentos que confirmam nossa pesquisa bibliográfica:



A, 34: Ainda existe muito preconceito, não pelos homens que vem fazer, mas pelos homens lá de fora, mas se o docente tiver opinião própria ele não vai ligar para os questionamentos se ele optou por um curso onde a maioria é feminino.

G, 39: Nem todo mundo tem o dom de trabalhar com crianças, o curso de pedagogia abrange muito a área de educação infantil, tem esse viés o que torna complicado e restrito este é o medo dos homens.

Foi comum entre as respostas, os homens afirmarem que não tem a pretensão de atuar como professor de crianças pequenas, espaço marcado como feminino e que oferece baixa remuneração financeira. A pesquisa de Jardim (2011) sobre adocência no contexto dos anos 70 mostra que, naquela época, tanto os homens quanto as mulheres cresceram com desejo de estudar e adquirir uma profissão e o magistério se mostrava uma opção interessante, mas os homens o viam como uma oportunidade de direção para outras carreiras e espaços fora da sala de aula. Já para as mulheres, lecionar era visto como um instrumento de realização pessoal e emancipação.

As entrevistas demonstraram que as atividades realizadas na educação infantil não são atrativas para os discentes. Apenas dois citam o interesse em atuar na educação infantil, no entanto outros não cogitam essa possibilidade:

VIII semestre B, 35: Após conclusão do curso, pretendo atuar como pedagogo na área de gestão, administração e provavelmente se for o caso de ministrar aulas, preferia a educação de jovens e adultos.

VII semestre C, 25: Eu pretendo fazer o mestrado, almejo lecionar no ensino superior, mas se isso não der certo, irei para a educação infantil.

A educação infantil é um grande desafio e são poucos que preferem esta profissão. Ainda existe uma cultura com distinção de gênero em relação ao ensino na Educação Infantil. O que fica evidente nos relatos é que a presença masculina na educação infantil ainda provoca conflitos, dúvidas, estigmas e preconceitos.

CONCLUSÃO

Os resultados nos levam a uma reflexão sobre como se procede o processo de



formação desses futuros pedagogos bem como suas perspectivas diante da precariedade dos processos educacionais. A formação em licenciatura plena em pedagogia é arquitetada como uma forma de dispor de uma educação igualitária proporcionando a todos o direito de optar ou não pelo curso, o que falta é o despertar de interesse de mais homens neste curso, pois em nossa atualidade, ainda são mulheres em maioria que ingressam na graduação em Pedagogia.

A bibliografia estudada e as entrevistas revelam que o Curso de Pedagogia é um curso associado a mulheres; nossa sociedade é marcada pela divisão de profissões de acordo com a diferença sexual. A categoria de análise de gênero ajuda a entender essa divisão social em que mulheres e homens são preparados para assumir papéis e profissões distintas e o trabalho com crianças pequenas deve ser uma opção e função predominantemente feminina.

A realização da pesquisa possibilitou identificar que o processo de construção da identidade profissional é complexo e estudar o gênero permite visualizar as diferenças existentes. Um ambiente educacional com a presença de homens e mulheres compartilhando o cuidar e o educar poderia proporcionar uma nova cultura que valorizasse o respeito às diferenças.

Palavras-chave: Pedagogia. Gênero. Educação.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 5.Ed. São Paulo: Atlas, 1999, p.118 e 128.

JARDIM, Sílvia Regina Marques. **Gênero, educação e docência: percepções de mulheres e de homens sobre o magistério primário no contexto dos anos 1970**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Araraquara. Araraquara. SP. 2011

NOGUEIRA, Cláudio M. M. **O processo de escolha do curso superior: análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares**. In: 30 Reunião Anual da Anped, 2007, Caxambu. Anped:30 anos de pesquisa e compromisso social, 2007



RIBEIRO, Henrique M. F.; VIANA, Maria J. B. **Um perfil sociológico do aluno atual do curso de Pedagogia da FAE/UFMG.** Educação em Revista, v. 43. p. 111-135, jun. 2006.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil:** um estudo de professores em creche. 2005. 274f. Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Peterson Rigato. **A presença masculina na Educação Infantil:** diversidade e identidades na docência. In: Ana Lúcia Goulart de Faria; Daniela Finco. (org.). Sociologia da Infância no Brasil. Campinas/SP: Autores Associados, 2011, v. p. 105-120.

SWAIN, Tânia Navarro. **Feminismo e recortes do tempo presente** – mulheres em revistas “femininas”. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001.